

HUGO RENDAS É RICARDO EM A "GAIOLA DAS LOUCAS" E SENTE-SE HONRADO POR PARTILHAR O PALCO COM AS PESSOAS QUE SEMPRE ADMIROU

“Sou um grande privilegiado”

É quem dá vida à personagem que traz o conflito para a “Gaiola das Loucas”. Passou de um alfaiate envergonhado em “Um Violino no Telhado” para ser agora Ricardo, uma personagem que confronta e contesta a família. Depois de ter encontrado “Ricardo” em ensaios e ensaios, Hugo Rendas revelou ao Audiência que se diverte muito com esta personagem. Apesar de ter apenas 33 anos de idade, Hugo Rendas já viu o seu trabalho ser reconhecido ao ser galardoado com o prémio Revelação em 2007 pelas interpretações de Herodes em “Jesus Cristo Superstar” e o aviador no “Príncipezinho”. Este actor e cantor já com um pé no cinema e a mente em fazer televisão, considera-se um privilegiado por estar a fazer o que sempre quis, teatro musical, e a trabalhar com quem sempre admirou.

Por Marisa Pinho

Já que está consumado o casamento com a Bárbara Alarcão [personagem da “Gaiola das Loucas”], queremos saber se já aderiu ao PMP?

(Risos) O Ricardo [personagem de Hugo Rendas na “Gaiola das Loucas”] cria o conflito na peça. É o filho do dono de um *Cabaret* e quer casar com a filha de um futuro primeiro-ministro de um partido muito conservador. Na minha opinião, o Ricardo sempre amou quer o pai quer o outro homem que o criou, o Carlos Alberto, e sempre viveu naquela casa. Mas aquela casa, de repente, desenquadra-se daquilo que ele pretende que é impressionar um político conservador. É por isso que ele quer mudar. Ele não renega as suas raízes. Se existe uma lição de moral que o Ricardo aprende, e que queremos que o público também aprenda, é que realmente o que conta é o afecto, o amor, que cada um é o que é. Somos todos diferentes. Todos nós temos telhados de vidro.

Como está a correr esta sua nova aventura?

A “Gaiola das Loucas” está a correr muito bem. As pessoas estão a aderir bastante. Sente-se que o público está com vontade de se divertir com o espectáculo nesta altura da chamada crise e esquecer os seus problemas. O que nós temos para oferecer é

duas horas de espectáculo que além do divertimento e dos momentos de comédia também existe uma mensagem que ainda hoje é muito actual que é a da homossexualidade.

Apesar de alguns tabus já terem sido quebrados, ainda há uma ala da população que é um pouco reticente em relação à homossexualidade.

O ser humano nunca respeitou muito bem a diferente, seja a diferença dos ideais religiosos, seja a diferença racial ou da orientação sexual... Quando o tema é dado de uma forma que permita que o público ria, penso que é mais fácil e a mensagem flui melhor. A mensagem chega ao coração das pessoas mais facilmente.

O Hugo Rendas passou de um alfaiate envergonhado em “Um Violino no Telhado” para uma personagem que confronta e contesta a família em a “Gaiola das Loucas”. Foi fácil esta transição? Quando as personagens têm traços mais marcantes e contornos mais definidos, como foram os casos do alfaiate e do Herodes, tenho mais facilidade em chegar a elas. A este Ricardo foi mais complicado de chegar, porque as linhas que define a personagem são mais ténues. Dentro do ténue é muito fácil irmos para um azul água ou um verde água. Definir os contornos de uma personagem menos marcada, para mim,



É mais fácil subir para o palco e fazermos de uma personagem em que estamos mascarados do que estarmos de cara lavada e sermos mais parecidos connosco.

é mais trabalhoso.

E qual foi a sua preparação?

Ensaiai, ensaiar. Andar ao encontro. Às vezes andamos à procura, o que não quer dizer que encontremos, por isso, é que digo andar ao encontro.

E encontrou?

Encontrei. E foi engraçado, porque achamos sempre que não era preciso termos percorrido um caminho tão perturbado, que afinal era simples.

Existe Hugo Rendas no Ricardo da “Gaiola das Loucas”?

Para já a fisicalidade do Hugo Rendas está muito mais presente no Ricardo do que em qualquer uma das outras personagens que apresentei aqui no Porto. Isso torna as coisas diferentes. É mais fácil subir para o palco e fazermos de uma personagem em que estamos mascarados do que estarmos de cara lavada e sermos mais parecidos connosco. Claro que tive de encontrar

algumas coisas. Tive que fazer uma pequena composição, que não é muito elaborada, mas existe. Não é bem o Hugo Rendas que está no palco. É um bocadinho diferente, embora não tanto como nas outras personagens.

O alfaiate e o Herodes exigiram-lhe mais?

Sim. Ir para além daquilo que eu sou.

“O ideal é viver entre o Porto e Lisboa”

Já esteve em trabalhos anteriores no Porto. Sente-se bem no norte?

Sim, continuo a sentir-me muito bem no Porto.

Para si esta transição do sul para o norte é fácil?

É, porque me sinto bem recebido, bem acolhido. Sinto que estou no meio de pessoas muito simpáticas e humanas.

Adaptou-se bem e gosta de estar no Porto, mas o que é que prefere: Porto ou Lisboa?

É muito diferente. Em Lisboa tenho mais gente que conheço, é um meio onde a minha profissão pode evoluir mais e em várias áreas: televisão,

teatro, publicidade, cinema... Por esse lado é bom. Lisboa é uma cidade bonita, mas o stress que se vive na cidade não é tão agradável. O Porto tem um lado mais pacífico, onde as pessoas têm mais tempo umas para as outras e para elas próprias, mas que, por outro lado, tem menos saídas profissionais. Se calhar o ideal é viver entre o Porto e Lisboa.

As pessoas conhecem-no na rua aqui no norte?

Não é muito vulgar isso acontecer. Se conhecem não dão a entender. Eu também tenho feito mais teatro ultimamente, se fosse televisão era mais fácil as pessoas conhecerem-me.

Audiência

Quais foram as principais exigências de La Féria para interpretar esta personagem na "Gaiola das Loucas"?

A principal exigência, e penso que é a de qualquer encenador, foi nós encontrarmos o caminho que seja a verdade da personagem, que contribua para que a história saia de uma forma clara. É a principal exigência do encenador e a principal exigência que eu tenho para comigo também.

Consegue divertir-se com o Ricardo?

Sim, bastante. Apesar de aparentemente o Ricardo ser sempre contra tudo o que se passa à volta dele, ali no meio ele é o anormal, consigo divertir-me muito tanto nos bastidores como em palco. A equipa é fantástica.

Estreou-se em teatro com Filipe La Féria. Como se dá o vosso encontro?

Sim, mas já depois de ter trabalhado em alguns projectos com ele. O Filipe conheceu-me no concurso televisivo "Todos ao Palco" da RTP em que participei. Nesse concurso eu apresentei um número da minha autoria: canção, música, texto, representação, coreografia. Eu cantava, dançava e representava e ganhei esse programa. Depois fui ao programa final. O meu primeiro trabalho profissional foi os 40 anos da RTP no Coliseu de Lisboa. Fiz uma série musical de televisão que era a "Camaleão Virtual Rock", também com o Filipe La Féria e depois é que se deu a minha estreia em teatro com o "Master Class de Maria Callas".

Ainda se lembra da sua estreia em teatro?

Não me recordo do dia da estreia, mas recordo-me de muitos momentos da peça. Foi delicioso! Aprendi logo muito. Era uma companhia pequena, éramos só seis em palco. Eu acumulava a função de contra-regra e de director de cena e permiti-me com que aprendesse e lidasse com as várias áreas dentro do teatro. Foi muito importante conhecer todas as peças do puzzle. Uma peça de teatro não é só os que estão no palco. Há toda uma equipa a trabalhar para que tudo funcione.

Desde sempre quis ser actor?

Lembro-me que nas composições da escola sobre "o que queres ser quando fores grande" eu dizia que queria ser cantor e, uma vez, coloquei uma fotografia do José Cid ao piano. Se calhar ainda não conhecia o teatro da forma como tinha que conhecer, nem o musical com a possibilidade de cantar, dançar e representar. Isso aconteceu quando vi "A maldita cocaína" no Politeama em 1993. Aí foi o clique da minha vida. Percebi o que queria fazer de futuro. Nessa altura já dançava e cantava num grupo de danças de salão e num grupo de teatro



Foi muito importante conhecer todas as peças do puzzle. Uma peça de teatro não é só os que estão no palco. Há toda uma equipa a trabalhar para que tudo funcione.

amador de Torres Vedras. Estava habituado a fazer teatro amador, mas nunca tinha visto um grande espectáculo de teatro musical.

Nessa altura quem admirava?

Só vi o "Passa por mim no Rossio" na televisão e lembro-me de já estar fascinado com os trabalhos do Filipe La Féria. O leque de actores que admirava era os que trabalhavam com ele. Eram os que chegavam ao público de uma forma imediata, por televisão. E ainda por cima faziam aquilo que eu gostava, o teatro musical. Posso dizer que sou um grande privilegiado, porque estou a trabalhar com as pessoas que desde sempre admirei desde a Rita Ribeiro, o Carlos Quintas, o José Raposo, o Joel Branco...

Quando começou a contracenar com as pessoas que admirava?

Isso aconteceu logo no concurso "Todos ao palco" onde a Rita Ribeiro entrava como convidada. Nos 40 anos da RTP, no Coliseu, que foi transmitido pela televisão, estavam imensos actores e foi

deslumbrante estar ao pé deles todos.

O que sentiu nessa altura?

Senti-me honrado. Primeiro, por estar a concretizar o sonho de pisar o palco em espectáculos como aquele e depois de estar ao lado de pessoas que admirava muito.

Desde sempre fez musicais ou representou noutros registos?

Já tinha feito uma comédia com a Rita Ribeiro. Houve um interregno de trabalho com o Filipe [La Féria] durante seis anos, porque tinha uma companhia com a Rita Ribeiro e fizemos outros projectos como o "Amar Amália", o "Aqui há fantasmas", o "Deixa-me ir atrás do fado", fiz outras coisas...

Qual é o registo em que se sente mais à vontade?

Dá-me muito prazer fazer papéis muito diferentes uns dos outros e com estilos também diferentes uns dos outros. Acho que me sentia estagnado se fizesse sempre a mesma coisa. Tudo é

"Apetece-me fazer televisão"

Tem dedicado a sua vida ao teatro e, mais recentemente, ao teatro musical. No entanto já passou pela televisão.

Não fiz tanta televisão como gostaria. Queria fazer mais. Ao ir para Lisboa com os projectos de "Um Violino no telhado" e da "Gaiola das Loucas", que espero que vão, gostava de ter oportunidade de fazer uma novela, comédia ou uma série de época. Há tantas coisas que se podem fazer em televisão... Apetece-me fazer televisão.

Se surgisse um convite para fazer televisão, aceitaria?

Acho que aceitaria. Mesmo que fosse cansativo andar Porto-Lisboa, aceitaria.

bem-vindo se for com textos e equipas de qualidade.

É muito bom. Eu também me senti muito bem a fazer esses papéis.

De todas as peças que fez, quer com o Filipe La Féria, quer com a Rita Ribeiro, qual foi a personagem que mais gozo lhe deu ter agarrado?

(Pensativo). Acho que foi a personagem de Fernando Curado Ribeiro no musical "Concerto para dois - Fernando Curado Ribeiro, o último galã", que foi uma homenagem ao pai da Rita [Ribeiro]. Foi um papel que me deu muita satisfação. Acho que foi o papel que mais gostei de fazer até hoje. Era um protagonista e homenagear uma pessoa que para mim era um ícone do teatro, da televisão, do rádio, do cinema em Portugal que eu sempre admirei e vou continuar a admirar é uma honra.

Será que foi esse o papel da sua vida ou este ainda está para vir?

Isso é sempre muito relativo. Não sei quais são os critérios que podemos usar para escolher o papel da nossa vida. Se é a satisfação que nos dá, se é o reconhecimento do público, se é a repercussão que isso tem, se são os possíveis prémios... Qual é o papel da nossa vida? Eu não sei. Acho que, a parte disso tudo, o papel da nossa vida é o que estamos a fazer no momento e nos entregamos com mais afinco, com mais força, com mais dedicação. Eu faço por viver o presente com serenidade. E estar atento ao que a vida me dá como presente. Portanto, penso que o papel da nossa vida, a parte de todos esses critérios, é aquele que estamos a fazer no momento. Seja esse em cima do palco, seja um outro papel, como de amigo, de companheiro, de pai...

Em 2007 foi galardoado com o Prémio Revelação pelas suas interpretações como Herodes em "Jesus Cristo Superstar" e o aviador no "Príncipezinho"... Foi a sua primeira galardoção? A que soube?

Sabe sempre bem, quanto mais não seja é a vida a dizer-nos "sim, estás no teu caminho e há alguém que te viu e que gostou". Este tipo de prémios é como o dinheiro: não traz felicidade, mas ajuda.

Com 33 anos já galardoado em dois espectáculos não é para todos...

Tem tido tempo para tirar férias?

Não sou muito tempo para descansar, se calhar por isso fiz uma rotura muscular num espectáculo. Tenho estado a fazer fisioterapia. O corpo sente, mas temos de estar conscientes disso e procurar dormir o maior número de horas possível, fazer meditação, alimentarmo-nos bem...

Tem saudades do Politeama?

Não sou muito de ter saudades. Eu gosto muito do teatro Politeama. É um teatro do qual guardo muito boas recordações. Mas, por outro lado, também gosto muito do Rivoli. O Politeama é um teatro antigo, com muita história, com muitas escadas, recantos pequenos... O Rivoli é um teatro que está renovado, tem muita luz, é mais amplo... São diferentes. Não têm comparação.

Qual é o seu registo musical?

Na verdade é interpretar.

Gostava de gravar um disco sozinho?

Não é algo em que pense muito, mas se surgir a oportunidade, porque não?

O que é que mais o fascina na sua profissão?

(Pausa) É o momento em que estamos em cima do palco a dar com amor algo às pessoas e sentirmos que elas recebem isso. Essa energia sente-se através do contacto com o público. No teatro é tudo imediato, por isso, é que apaixonamos tanto as pessoas e se está muitos anos ligado ao teatro. Se calhar é a mais humana das artes, não é tão filtrada pela tecnologia.

Ainda fica nervoso quando sobe ao palco?

Eu não gosto muito do momento antes de entrar no palco, porque fico sempre um bocadinho nervoso. Já fiz centenas de espectáculos, mas aquele momento antes de entrar para a primeira cena e de estar em contacto com o público é sempre um momento especial. Mas acho que não gosto muito. (Risos). Nos primeiros segundos começo a gostar imenso. Quando fecha a cortina é um momento feliz, mas fica sempre um pequeno vazio. O durante é muito bom.

Se eu não estivesse a falar com o Hugo Rendas artistas, com que Hugo Rendas estaria a falar?

É a mesma pessoa. Se tivesse noutra profissão também era assim. Em tudo o que fazemos podemos fazer-lo com a mesma dedicação.

Desde sempre quis ser actor?

Sim, actor, cantor.

Nunca teve outra profissão?

Não. Na escola era de ciências e queria seguir química ou biologia. Depois quando cheguei ao 12º ano vi que não era nada daquilo que queria fazer. Fiz provas específicas de desenho e entrei num curso de Design nas Caldas da Rainha. Fiz um primeiro ano de Design de Cerâmica e depois mudei para Design Gráfico. Entretanto, surgiu a oportunidade de fazer aquilo que realmente eu gostava.

Como é trabalhar com a Rita Ribeiro com quem viveu durante seis anos?

É muito bom. São sempre momentos de companheirismo e de aprendizagem muito grandes. É maravilhoso! Continuo a aprender muito com ela.

Parece ser uma pessoa calma e serena. É sempre assim no seu dia-a-dia?

Sou. Mas também procuro ir ao encontro dessa serenidade. Já fui menos sereno, já fui mais ansioso, mais irrequieto, mas como esta é a forma de estar que em dá

Gostava muito de trabalhar com Frederico Corado

E cinema?

É algo que está nos meus planos também. Quero fazer cinema. Vamos ver se as oportunidades surgem.

Em Portugal ou lá fora?

Em Portugal.

Com que realizador gostava de trabalhar em cinema aqui em Portugal?

Já existe um texto, um guião e um convite para trabalhar com o Frederico Corado. Gostava muito de trabalhar com ele.

Mas já existe essa possibilidade?

Sim, mas é preciso que as coisas também avancem. O cinema é algo que tem um tempo muito próprio e uma pré-produção muito demorada. Os filmes até chegarem a uma sala de cinema demoram anos, porque também envolve muito dinheiro.

E que personagem lhe está reservada?

Chama-se Lalis e é um soldado envolvido na batalha.

Está com vontade?

Sim. Mas vamos ver.

Vai ser a sua estreia em cinema?

Sim, mas pode surgir outra coisa entretanto.

mais paz é a que eu adopto. Eu faço meditação, tento ver sempre o lado bom das pessoas. É uma forma de estar.

Desde sempre foi assim?

Às vezes a vida molda-nos um bocadinho, mas acho que sempre fui assim.

Segredos quanto ao futuro?

Não tenho segredos, a vida é que terá.

Projectos?

Acabamos de estrear, ainda estamos a pegar ao colo este novo projecto e a começar a sentir as reacções do público.

www.rivoliporto.pt

UM ESPECTÁCULO GENIAL AO NÍVEL DOS MELHORES MUSICAIS DA BROADWAY

RIVOLI • PORTO

A Gaiola das Loucas

JOSÉ RAPOSO • CARLOS QUINTAS
RITA RIBEIRO
NUM ESPECTÁCULO DE

La Féria

3ª, 4ª, 5ª e sábados às 21.30h • sábados, domingos e feriados às 17.00h

RESERVAS: 222 071 260 • 222 033 199 • 222 031 074